
O PROFISSIONAL ARQUITETO DA INFORMAÇÃO

THE INFORMATION ARCHITECT

Fabiano Ferrari Ribeiro - fabiano@uel.br

Mestre em Gestão da Informação (profissional) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Técnico em Assuntos Universitários na Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da UEL

Silvana Drumond Monteiro - silvanadrumond@gmail.com

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. Pesquisadora PQ2. Doutora em Comunicação e Semiótica. Coordenadora do Curso de Biblioteconomia, Universidade Estadual de Londrina (UEL).

RESUMO

Por meio da WWW, ou simplesmente Web, milhões de informações são geradas a cada minuto, contribuindo para a rápida disseminação e comunicação em nível global sem restrições ou limites. Sob a égide da organização foi criada a disciplina Arquitetura da Informação, cujo principal objetivo é trazer ordem ao caos informacional em ambientes digitais, ou seja, aqueles que são publicados no ciberespaço e apresentados em *sítes* na Web. Relacionando-se nesse contexto, o presente artigo discorre sobre a ascendência de uma profissão que a cada vez mais se evidencia no cenário mundial, o profissional arquiteto da informação, responsável principalmente por criar meios para o acesso coerente e organizado da informação, capaz de pensar estrategicamente a estrutura de um *site*, tornando eficiente a experiência do usuário quando da interação com um ambiente informacional digital.

Palavras-Chave: Arquitetura da informação. *World wide web*. Ambientes informacionais digitais. Profissional arquiteto da informação. Tecnologias de informação e comunicação.

ABSTRACT

Through the WWW, or just Web, millions of information are generated every minute, contributing to the quick dissemination and communication on a global level without restrictions or limits. Under the aegis of organization was created the Information Architecture discipline, whose main objective is to bring order to the informational chaos in

digital environments, i.e., those that are published in cyberspace and presented in Web sites. Based on this context, the present paper discusses the ascendancy of a profession that is increasingly evident, the professional information architect, primarily responsible for creating ways to access the information coherent and organized, able to think strategically the website's structure and design, making efficient the user experience when interacting with a digital information environment.

Keywords: Information architecture. World wide web. Informational digital environments. Information architect. Information and communication Technologies.

1 INTRODUÇÃO

Enquanto a arquitetura tradicional busca a criação de estruturas em ambientes que tornem viável a convivência das pessoas com o mundo, a Arquitetura da Informação (AI) direciona-se para o desenho de espaços informacionais que promovam a disseminação e o compartilhamento de informações. Ambas são possuidoras de uma mesma matéria-prima: o 'espaço' ou 'ambiente' que servirão para suprir necessidades humanas, mesmo que estejam inseridos em contextos de natureza diversa.

Quem cunhou pela primeira vez o termo "Arquitetura da Informação" foi o desenhista e arquiteto americano Richard Saul Wurman, na década de setenta, fazendo uma analogia dos problemas de arquitetura dos edifícios com os problemas de reunião, organização e apresentação da informação, definindo-a como a ciência e a arte de criar instruções para espaços organizados. Ele afirmou que as estruturas de informação influenciam interações no mundo da mesma maneira que as estruturas de edifícios, por exemplo, estimulam ou limitam interações sociais (WURMAN, 1996).

Wurman queria tornar a informação mais compreensível, sendo motivado principalmente pela sua gigantesca oferta, característica de nosso mundo moderno, provocada pela chamada 'explosão pela informação', causando nos usuários uma sensação de distanciamento entre o que há de ser compreendido e o que de fato tem que se compreender (REIS, 2007).

A disciplina consiste no *design* de ambientes informacionais compartilhados e resistentes à desordem informacional, que vem a ser o estado de desorganização natural de qualquer sistema, na ausência de uma força que possa ser organizadora.

Afirma Alves (2010, p. 4, grifo do autor) que “Em virtude da atual *overdose* de informação e do incentivo dado à sua democratização, foi proposta a disciplina [...] com o propósito de organizar e satisfazer as necessidades de informação criadas pela era digital.”

Assim, o principal foco da AI é o *design* de interfaces com a estruturação de *sites* na Web. A propósito disso, a interface nada mais é do que uma porta para a informação. Uma excelente interface pode ser ruim em conteúdos e estar desorganizada, por isso, não basta ter um visual atraente, se o visitante tiver dificuldades em encontrar o que procura, certamente vai abandoná-la nos primeiros ‘cliques’ do *mouse*.

Nesse contexto, surge a figura do profissional arquiteto da informação, cuja responsabilidade é a de organizar conteúdos de forma que os usuários de um espaço informacional no ciberespaço possam compreendê-lo com maior facilidade. Por esse motivo, nos dias de hoje, é um das profissões que mais vem sendo indispensáveis na organização de *sites*, pois ele define a estrutura e o esqueleto que organiza as informações sobre o qual todas as demais partes do projeto irão se apoiar.

Quem é o arquiteto da informação e como ele contribui para a realização das tarefas da AI? O presente artigo tem por finalidade mostrar a relação que a disciplina tem com as funções do profissional, defendendo-se que um bom plano arquitetural jamais poderia ter êxito sem a presença de um profissional que possa entender os conceitos do tema e aplicá-los corretamente em seu ambiente de trabalho.

A pesquisa tem abordagem qualitativa, uma vez que o processo e seu significado tornam-se os focos principais do estudo, pois a interpretação dos fenômenos não pode ser traduzida em números. Perfaz-se assim seu caráter bibliográfico, tendo como um dos objetivos a realização de uma revisão de literatura de modo que seja compreendido o que vem a ser o tema, especialmente as funções de um arquiteto da informação, por meio de suas definições e disciplinas correlatas a sua atividade.

Para Gil (2002, p. 44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado [...]”. Nesse contexto, os critérios para seleção do material Anais do V SECIN, 2013, p. 785 - 801

bibliográfico foram assuntos pertinentes ao tema, consultando-se obras impressas nos idiomas português e inglês, artigos em periódicos eletrônicos, bibliotecas digitais e fontes em *sites* e portais na Web.

Esta etapa foi importante, pois possibilitou o esclarecimento dos conceitos envolvidos com o estudo da temática do artigo, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de *sites*, objeto principal para o trabalho do profissional que enseja construir ambientes interativos na Web.

2 O PROFISSIONAL ARQUITETO DA INFORMAÇÃO

O arquiteto da informação é o indivíduo capaz de organizar padrões inerentes aos dados, tornando clara sua complexidade e capaz de criar estruturas ou planejamento de informações que permitam aos outros encontrarem seus caminhos pessoais para o conhecimento (WURMAN, 1996).

Esse profissional é a pessoa que faz o mapeamento de determinada informação e disponibiliza os caminhos para que todos possam criar suas direções. É ele que vai estar à frente de todas as decisões que envolvam a apresentação da informação, estando invariavelmente a serviço da clareza e da organização.

Ele também deve levar o título de profissional da informação, pois é capaz de norteá-la e caracterizá-la, uma vez que esta possui valor relativo que somente é percebido se aplicado a um contexto: “Sua mensuração é realizada por profissionais experientes, considerados *experts* no armazenamento, recuperação e disseminação da informação [...]” (ESPANTOSO, 2010, p. 2, grifo do autor).

Trata-se assim de uma profissão emergente do novo milênio, envolvendo necessariamente a análise, o *design* e a implementação de espaços informacionais, como *sites*, banco de dados e bibliotecas. A visibilidade da AI surgiu justamente a partir da metade da década de noventa, no momento em que a Internet explodiu como fonte de conteúdos.

Questiona-se se o arquiteto deveria ser visto somente como um único profissional ou se poderia ser considerado dentro de uma equipe multidisciplinar, envolvendo outros profissionais, ou seja, a profissão, ou a função caracterizada então pelo esforço e colaboração de diversas pessoas e disciplinas.

Nesse contexto, Latham (2002) aponta o caráter multidisciplinar da AI, sugerindo cinco áreas-chave para a formação do arquiteto: Organização da Informação, *Design* Gráfico, Ciência da Computação, Usabilidade e Comunicação.

Essa premissa é levantada por Dillon (2000, p. 2, tradução nossa), que considera que a disciplina é formada por múltiplos profissionais os quais compõem as atividades da função:

Para mim AI [arquitetura da informação] é mais bem vista como um termo guarda-chuva sob o qual vamos encontrar muitas preocupações compartilhadas com investigadores que se descrevem como os cientistas da informação, designers de interação, engenheiros de usabilidade e assim por diante [...]. Podemos acrescentar a estas atividades as habilidades dos jornalistas, educadores, pesquisadores de mercado, analistas de sistema e muitos outros que têm ideias e conhecimentos necessários para tornar a informação acessível, conveniente e de uso pelas pessoas. (DILLON, 2000, p. 2).

Para Wurman (1996), em seu livro *Information Architects*, a AI é a profissão emergente do século XXI, cujo propósito é formado por necessidades atuais, focalizadas principalmente na clareza, na compreensão humana e na ciência da organização da informação.

Esse profissional precisa levantar informações e organizá-las de maneira a projetar a construção de um espaço que vise atender às necessidades de seus usuários. Bailey (2003) defende que os arquitetos da informação projetam sistemas de navegação de modo a ajudar as pessoas a encontrar e gerenciar conteúdos.

Trata-se de quem deve ter a capacidade de mapear determinada informação, disponibilizando uma espécie de direção para que o usuário possa criar os seus caminhos rumo ao que deseja aprender. Diferentemente do que fazia a figura do *webmaster* nos primeiros tempos da Web, que era quem ‘tomava conta de tudo’, hoje aquele tipo de profissional caminha para uma especialidade cada vez mais exigida devido à crescente complexidade e importância dos *sites*.

McGee e Prusak (1994) destacam que a AI não visa estabelecer a infraestrutura tecnológica, como máquinas de programas de computadores, bem como o pessoal necessário para o tratamento e a modelagem de dados. Defendem

que, durante o projeto de uma estrutura, os arquitetos devem refletir sobre a forma pela qual um grupo de indivíduos irá interagir com o espaço que os circundam.

No nível comportamental, os arquitetos refletem sobre a forma de alocar o espaço, subdividido e disposto para melhorar a interação entre os habitantes. No nível tecnológico, refletem sobre como os subsistemas nos quais se fundamenta um prédio (por exemplo, canalização, aquecimento, instalações elétricas) devem se adaptar uns aos outros e aos espaços públicos. A arquitetura combina arte e tecnologia para criar um ambiente utilizável. (MCGEE; PRUSAK, 1994, p. 142).

Dessa forma, deve-se dar o devido valor aos arquitetos da informação enquanto profissionais que ajudam a criar espaços organizados, utilizando-se das tecnologias disponíveis, a fim de que defina o ambiente de informação de uma empresa, auxiliando na tarefa de suprir as necessidades informacionais da organização, mesmo se existirem limitações tecnológicas.

Os especialistas técnicos são auxiliados pela AI, pois são encarregados de implementar os projetos arquitetônicos que deverão ser centrados diretamente para os usuários, ou seja, para aqueles que irão usufruir dos projetos. Eles devem examinar a estratégia empresarial para decidir qual é a informação mais relevante para a organização, tendo com isso a função de comunicar a todos os membros da empresa o quão ela é importante, fornecendo inclusive uma declaração da forma pela qual a organização encara o mundo (MCGEE; PRUSAK, 1994). E mais, “[...] deve ter a capacidade de *projetar*, de antever os fluxos, os caminhos da informação. Melhor: antever os caminhos do usuário para chegar a uma informação.” (SANTOS, 2006, p. 3, grifo do autor).

Sendo a profissão emergente, com uma das carreiras mais promissoras do século XXI, o profissional arquiteto da informação tem muito de seus esforços direcionados para o planejamento de espaços informacionais para a Web. Não é à toa que as atribuições e responsabilidades estão convergindo para esse meio, por isso, vários autores têm incluído o desenvolvimento de *sites* como uma de suas grandes atribuições.

Assim, observa-se que os profissionais e a disciplina se fundem, espalhando-se com rapidez nas organizações, “[...] embalados pelo dinamismo de

Anais do V SECIN, 2013, p. 785 - 801

empresas cada vez mais competitivas [...] descubrem o potencial da Internet para criar uma interface que facilite a comunicação com os usuários e/ou clientes.” (ROBREDO, 2008, p. 120).

Organizar a informação, o fluxo de navegação de um *site*, trabalhar a hierarquia e categorização da informação na Web, facilitar o uso e o acesso são algumas das atividades exercidas pelo arquiteto. Além dessas atribuições, Souza (2005) compara o trabalho do arquiteto com o que o bibliotecário faz em seus centros de informação, acrescentando que estes também podem lidar com questões de usabilidade, cognição, taxonomia, tesouros e vocabulário controlado. “Ter um site na internet com muito conteúdo significa ter que organizar e categorizar muita informação e isso é o que a Biblioteconomia tem feito há tempos.”

Muitas vezes, o usuário que acessa um *site* confronta-se com inúmeros conteúdos, sejam eles úteis ou não para sua procura, muitas vezes não sabe por onde começar e o que procurar. Nesse momento surge o arquiteto da informação, para compor a informação e seu fluxo. Este, por sua vez, estuda as necessidades e comportamentos dos usuários e, a partir daí, traça um plano para organizar tudo o que é mostrado (SOUZA, 2005).

A principal função de um arquiteto é oferecer aos usuários facilidade de entendimento, organização e recuperação de informação. Espantoso (2010, p. 4) endossa o custo dessa responsabilidade, afirmando: “Estes profissionais devem propor e desenhar projetos que evidenciem o gerenciamento de atividades informacionais.”

Isso fez com que a evolução desses profissionais naturalmente descobrisse na disciplina uma de suas atribuições e competências (ADOLFO; SILVA, 2006). Lara Filho (2003, p. 9) constata que no momento em que os profissionais de informática eram os mais familiarizados com as ferramentas e com o computador, “[...] eles assumiam as atividades de design, redação e organização do *site*, [...] estas atividades foram – e estão sendo – gradualmente ocupadas por profissionais diversos e mais capacitados.”

Baptista e Espantoso (2008) relataram, em pesquisa realizada no Portal *Monster*, considerado um dos líderes em gerenciamento de empregos *online* do mundo, que foram encontradas 128 ofertas de emprego em que a expressão

Anais do V SECIN, 2013, p. 785 - 801

“*information architect*” fazia parte do título, com variações, por exemplo, “*senior information architect*”, “*information architect for user interface*” e “*principal information architect*”.

Em praticamente todas foi possível perceber a exigência de formação em nível superior em: Desenho Industrial, Projeto Centrado no Indivíduo, Psicologia Cognitiva, Ciência da Informação ou áreas correlatas da Ciência da Computação.

Ainda segundo constava naquele Portal, as habilidades pessoais mais frequentes foram: fluência verbal e escrita, trabalho em equipe, criatividade, capacidade de apresentação e interação com o usuário e experiência na apresentação da informação usando algum dos diversos programas de interação disponíveis no mercado.

Notaram também que a grande maioria das ofertas (85,7%) exigia conhecimentos da Ciência da Informação como pré-requisito, cabendo ao restante, habilidades exclusivamente de Tecnologia da Informação, como projeto de bancos de dados e o uso de *softwares* de desenvolvimento (BAPTISTA; ESPANTOSO, 2008).

3 CAMPOS DE ATUAÇÕES E MÚLTIPLAS RESPONSABILIDADES

É função do Arquiteto da Informação compreender o que está sendo desejado pela organização, devendo entender o negócios, seus objetivos e regras, além disso, carecem em ter conhecimentos multidisciplinares que estejam diretamente correlacionadas com suas funções, pois necessita intercambiar dados com os diversos setores da empresa.

Morrough (2002, p. 2, tradução nossa) mostra as seis áreas fundamentais para a formação desse profissional:

- Sistemas de Informação/Gestão/Organização;
- Busca e recuperação da informação;
- Gerenciamento de banco de dados;
- Metodologia de pesquisa/Estatística;
- Interação Humano–Computador;

- Rede de computadores;
- Gerenciamento de Projetos/Solução de Problemas.

Considerando a multidisciplinaridade do tema, nota-se que a formação desses profissionais advém dos mais diversos domínios do conhecimento humano. Mas quais as suas responsabilidades? Essa pergunta procurou ser respondida por Dillon e Turnbull (2005, p. 3, tradução nossa), da *School of Information, University of Texas, Austin, Texas, Estados Unidos*, que elaboraram uma pequena lista das atribuições, embora, segundo os próprios autores, os itens ainda estão incompletos por não se tratar de uma lista fechada:

- ilustra conceitos-chave ou etapas por meio de gráficos;
- desenha mapas de *sites*;
- cria metáforas para o conteúdo a fim de promover a navegação;
- desenvolve modelos de estilos de formatação para elementos de informação;
- realiza a análise de usuário;
- cria cenários e *storyboards*;
- constrói taxonomias e índices;
- testa a experiência do usuário.

Outras abordagens para a engenharia de construção de projetos de espaços informacionais incluem: programação e construção de banco de dados, conteúdo e gerenciamento de código fonte, avaliação funcional (incluindo testes de usabilidade), bem como a informação a ser apresentada (DILLON; TURNBULL, 2005). Além disso, também podem trabalhar questões de cognição, tesouros, vocabulário controlado, hierarquização da informação, sempre tendo como fim estudar e compreender as necessidades de seus usuários.

Os profissionais de AI de hoje atuam principalmente na área de Web e são responsáveis por mapas mentais, que consistem em formas de agrupar e organizar informações similares ou que fazem parte de um grupo de interesse; confecção de *wireframes*, que são basicamente esqueletos de como o *site* será organizado e o

sitemap (mapa do *site*), cujo objetivo é construir uma representação hierárquica de páginas. Contudo, sem qualquer sombra de dúvida, um dos principais papéis do arquiteto da informação é saber quem é o usuário, suas necessidades e por que ele precisa daquelas funções.

Ewing, Magnuson e Schang (2001, p. 6, tradução nossa), também da mesma *University of Texas*, propuseram um currículo para a carreira. Quando estudaram as práticas do profissional, questionaram-se, “o que esperar?”

- o arquiteto da informação é a ligação entre os vários grupos durante as exigências de coleta, identificação dos requisitos funcionais e de projeto de AI de um *site*;
- o arquiteto deve agir como um mediador entre o cliente, usuário, escritório de negócios, *designers* gráficos e departamento de programação. Ele será responsável por uma grande variedade de atividades da análise de conteúdo para focar seu grupo de pesquisa, a fim de estruturar páginas para a Web;
- o profissional tem um arsenal efetivo de habilidades técnicas combinadas com comunicação interpessoal eficaz, o que o coloca no centro de uma teia complexa de comunicação entre os diferentes pontos de vista e ideias;
- ele desempenha o papel de um diplomata, mantendo a coesão entre os membros da equipe, garantindo que o projeto permaneça dentro do cronograma, atingindo metas e prazos.

Alves (2010, p. 8) corrobora com as assertivas de Ewing, Magnuson e Schang, ao defender que “[...] o arquiteto de informação precisa conhecer as necessidades, hábitos, comportamentos e experiências dos usuários, bem como entender o contexto [...]”, e nisso está incluído “[...] o propósito do *site*, cultura e política empresarial e ambiente de uso e o conteúdo que será exibido.”

Reis (2009) complementa que o arquiteto desenvolve produtos entregues para um projeto de arquitetura, documentos e procedimentos que registram as

regras de organização da informação do *site* e aplicam estas regras nos conteúdos, gerando os já citados mapas de navegação (*sitogramas* e fluxos de navegação), esquemas das páginas (*wireframes*) e o vocabulário controlado.

A documentação das regras tem a função de registrar o modelo conceitual, as ideias do projetista e garantir a consistência de manutenções futuras. No caso da documentação de aplicação das regras, estas demonstram a viabilidade do projeto e formam a especificação técnica para os responsáveis pela implementação do *site* (*designers* gráficos, redatores, programadores etc.) (REIS, 2009).

Agner e Silva (2003, p. 1, grifo do autor) trazem noções do papel do arquiteto no desenvolvimento de projetos e implementação de espaços informacionais: “O ‘arquiteto de informação’ seria um novo profissional, a substituir o ‘*webmaster*’. Teria conhecimentos e experiência para desenvolver estruturas de informação, com níveis múltiplos de interação entre homens, máquinas e o meio ambiente.”

Ele não deve ter conhecimentos centrados somente no desenho informacional de um ambiente interativo, mas sim, estudos voltados à própria natureza multidisciplinar do tema:

O arquiteto de informação deve possuir conhecimento da teoria da interação com o usuário (IHC), de análise da tarefa, de cognição, do impacto organizacional e societal da tecnologia, do processo de Design, de desenvolvimento de sistemas, de testes de usabilidade, de comunicação, de lógica e de análise e pensamento crítico. (AGNER; SILVA, 2003, p. 3).

Dada às suas multifacetadas atribuições, tal profissional também pode ter seu cargo denominado de *Designer* de Interação ou Especialista em Usabilidade, mas, na prática, as atividades provavelmente são as mesmas e são elas que realmente importam. É o que afirma Barros (2009, p.10): “[...] não é um cargo, é um conjunto de competências, que podem estar em uma pessoa ou compartilhadas dentro de uma equipe.”, o que reacende a possibilidade de que pode ser exercida por pessoas de diferentes áreas do conhecimento, com múltiplas especialidades e integrando diversos profissionais.

Quando se trata de AI, vários são os processos envolvidos até a conclusão de um projeto, que vão desde o levantamento do conteúdo a ser disponibilizado nos *sites*, passando pelo desenho (*design*), padrões de usabilidade, linguagens de programação, até chegar ao funcionamento da estrutura HTML (*Hypertext Markup Language* ou Linguagem de Marcação de Hipertexto) com todo seu conteúdo.

Se algumas das etapas são falhas, problemas podem ocorrer no uso, como rótulos e nomenclaturas mal definidos, a busca pode não funcionar com eficiência, o usuário se perde dentro do *site*. O *design* pode ser incrivelmente bonito, mas o conteúdo pode ser demasiadamente redundante com informações confusas ou desconexas. Nesse somatório de falhas, a arquitetura é ruim e a experiência do usuário um fracasso, por isso, cabe ao profissional tornar a informação inteligível para outros seres humanos (WURMAN, 1991).

Há de se ponderar que porquanto uma palavra ‘da moda’, é natural que muitos se autodenominem arquitetos da informação, no entanto vários podem estar longe disso. Mas os verdadeiros arquitetos dão clareza ao que é complexo e tornam a informação compreensível para outros seres humanos. Ao atingir esse objetivo, são bons arquitetos da informação, caso contrário, não são (WURMAN, 2005).

Seja qual for o papel que desempenhará, é fundamental que tenha conhecimento em duas visões distintas de um espaço informacional: a mais ampla (sistemas de informação) ou a mais restrita (páginas da Web), afinal o arquiteto ocupa um espaço garantido na Web graças à sua capacidade de ‘saber fazer’, já que precisa ter as habilidades necessárias para uma atuação efetiva no planejamento de *sites* que represente virtualmente sua unidade de informação (BAPTISTA; ESPANTOSO, 2008).

Barros (2009, p. 10-11) defende que a mensagem da AI na Web é simples, pois “A arquitetura de um site é composta por várias especialidades, ou enfoques [...]. A cada projeto, em cada empresa, deve-se pensar quem irá cuidar de que parte, e como será a integração entre os profissionais.” Complementa também que “A arquitetura, em seu sentido mais amplo, é feita por outros profissionais além de arquitetos (ou designers de interação, ou especialistas em usabilidade etc.), e isto é tanto legítimo quanto esperado.”

O autor conclui suas reflexões consolidando alguns pontos em relação à profissão, apresentados a seguir (BARROS, 2009):

- é normal um arquiteto da informação trabalhar com toda a grande área da experiência do usuário;
- na verdade o nome do seu cargo não é algo muito importante, mas de forma genérica podemos nos referir aos diversos profissionais da área como arquiteto da informação;
- a arquitetura de um *site* não é produto de um profissional, mas de uma série de competências;
- estas competências podem tanto ser responsabilidade de um profissional, quanto compartilhadas dentro de um time;
- outros profissionais podem e devem ter competências na área de AI.

É importante também que o arquiteto tenha em mente que é necessário ter um programa de administração do *site*, visando:

- aplicação de uma política de gestão de conteúdos eficiente;
- manutenção dos padrões definidos pelo projeto de arquitetura;
- monitoramento de acessos e avaliação da eficácia do *site*;
- avaliação constante da satisfação dos usuários e ajuste do *site*, se necessário;
- manter sempre o foco no usuário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na metade dos anos 1970, o mundo já experimentava um exponencial volume de informações que crescia de forma acelerada. O que se vê nos dias atuais, principalmente após o advento da Web, é que hoje existem cursos e profissionais especializados despontando no mercado, embora muitos exerçam funções paralelas, acumulando outras tarefas, como programação ou gerenciamento do banco de dados.

No Brasil, a profissão de arquiteto da informação tem crescido nos últimos 10 anos. Foram criados vários cursos de pós-graduação e observa-se também um aumento de vagas na área (ALVES, 2010), o que poderá gerar uma melhor absorção do mercado de trabalho, a fim de que aumente o interesse das organizações acerca da importância do tema.

Guilherme Reis revelou em sua pesquisa de mestrado, que a maior parte dos profissionais possuem elevado grau de instrução e, dos que atuam na área, a maior parte é autodidata ou aprendeu o ofício nas empresas em que trabalham. Além disso, o autor identifica que o arquiteto da informação brasileiro precisa de formações e especializações multidisciplinares, tanto no campo de exatas quanto humanas (REIS, 2007).

No entanto, embora com facilidade no aprendizado, ainda carecem na adoção de metodologias em seus projetos. A maioria utiliza-se de metodologias próprias desenvolvidas com base em suas experiências, estudos e observações. Falta formação em múltiplas disciplinas que possam equalizar principalmente o conhecimento da área de exatas e humanas, de modo a fortalecer a profissão, estabelecendo uma metodologia que teorize a prática na formação de futuros profissionais para o mercado.

Afinal, tudo se condensa em uma única premissa: de que todas as abordagens desenvolvidas devem ter como sua meta principal suprir as necessidades de informação do usuário, o que não é tarefa das mais fáceis, considerando o interesse pertinente em conhecer seu comportamento e sua linguagem.

Dessa maneira, está mais do que estabelecida a importância da AI e seus respectivos profissionais em projetos digitais, fazendo-se mister a criação de especialistas, sendo eles advindos da Ciência da Informação, Ciência da Computação ou *Designers* de Interfaces, afinal o campo é fértil e as possibilidades são diversas.

O reflexo é a acentuada valorização dos arquitetos de informação, maximizado sua importância nas organizações, provendo um ar mais profissional ao seu trabalho, caminhando em conjunto com a tendência irreversível da convergência de todos os canais para as mídias digitais.

Contudo é preciso que o arquiteto se preocupe em torna-se cada vez mais especialista no assunto, já que o próprio mercado exige cada vez mais sofisticação aliada à facilidade de uso nos sistemas interativos, não custando lembrar que seu dever é garantir que conteúdos relevantes para um usuário sejam apresentados por meio de uma interface simples e eficaz.

Quando se colocam em voga a satisfação profissional, o prestígio, mercado de trabalho em alta e remuneração em elevação, o profissional arquiteto da informação pode se portar como elemento essencial para estabelecer interfaces e modelos de integração mais simplificados e fáceis de usar, com sistemas informativos eficientes, culminando na realização de tarefas de forma intuitiva aos conteúdos disponibilizados em um ambiente informacional digital.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, L. B.; SILVA, R. C. P. A Arquivística e a arquitetura da informação: uma análise interdisciplinar. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 34-51, 2006.

Disponível em:

<<http://www.arquivistica.net/ojs/include/getdoc.php?id=186&article=53&mode=pdf>>.

Acesso em: 16 mai. 2012.

AGNER, L.; SILVA, F. L. C. M. Uma introdução à disciplina de arquitetura de informação: conceitos e usabilidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 2003, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Associação de Pesquisa em Design. Disponível em:

<http://www.agner.com.br/download/artigos/2CIPED_Uma_Introducao_AI.pdf>.

Acesso em: 7 jun. 2012.

ALVES, C. D. **Arquitetura e arquiteto da informação: histórico e definições**. 2010. Trabalho (Especialização em Arquitetura e Organização da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Disponível em: <<http://www.scribd.com>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

BAILEY, S. **Information architecture: a brief introduction**. mar. 2003. Disponível em: <<http://iainstitute.org/tools/download/Bailey-IAIntro.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2012.

BAPTISTA, S. G.; ESPANTOSO, J. J. P. O trabalho do bibliotecário e outros profissionais da informação na organização e projeto de espaços de informação digitais. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr08/Art_05.htm>. Acesso em: 9 abr. 2012.

BARROS, G. Com quantos chapéus se faz um arquiteto? In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ARQUITETURA DE INFORMAÇÃO (EBAI), 3., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.congressoebai.org/wp-content/uploads/65-177-1-SM-com-nome.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2012.

DILLON, A. **Information architecture: why, what & when?**, 2000. Disponível em: <<http://www.asis.org/Conferences/Summit2000/dillon>>. Acesso em: 7 jul. 2012.

DILLON, A.; TURNBULL, D. Information architecture. **Encyclopedia of Library and Information Science**, 2005. Disponível em: <<http://www.ischool.utexas.edu/~adillon/BookChapters/ECLIS-IA.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2012.

ESPANTOSO, J. J. P. A gestão de competências dos arquitetos da informação nas organizações. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 5, out. 2010. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/out10/F_I_art.htm>. Acesso em: 29 maio 2012.

EWING, C.; MAGNUSON, E.; SCHANG, S. **Information architecture proposed curriculum**. Austin: UTIAG, 2001. Disponível em: <<http://www.ischool.utexas.edu/~iag/resources/ia-curriculum-final.PDF>>. Acesso em: 5 jun. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LARA FILHO, D. O fio de Ariadne e a arquitetura da informação na www. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, dez. 2003. Disponível em: <http://dgz.org.br/dez03/Art_02.htm>. Acesso em: 24 jun. 2012.

LATHAM, D. Information architecture: notes toward a new curriculum. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York, v. 53, n. 10, p. 824-830, 2002.

MCGEE, J.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

MORROGH, E. **Information architecture: an emerging 21st century profession**. New Jersey: Prentice Hall, 2002. Disponível em: <<http://iainstitute.org/documents/learn/education/morroghchapter21.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2012.

REIS, G. A. **Centrando a arquitetura de informação no usuário**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência e Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.guilhermo.com/mestrado/Guilhermo_Reis-Centrande_a_Arquitetura_de_Informacao_no_usuario.pdf>. Acesso em: 15 maio 2012.

_____. **O que é arquitetura de informação em websites?** 26 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.alquimedia.com.br/novidades.asp?menu=novidades>>. Acesso em: 11 maio 2012.

ROBREDO, J. Sobre arquitetura da informação. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 115-137, 2008. Disponível em: <<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/rici/article/download/627/623>>. Acesso em: 12 maio 2012.

SANTOS, M. L. B. **Arquitetura e informação**. 2006. Disponível em: <<http://biblioteca.terraforum.com.br/BibliotecaArtigo/arquitetura%20e%20informa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

SOUZA, K. **Bibliotecário é arquiteto da informação, sabia?** 13 out. 2005. Disponível em: <<http://webinsider.uol.com.br/2005/10/13/bibliotecario-e-arquiteto-da-informacao-sabia/>>. Acesso em: 8 mar. 2012.

WURMAN, R. S. **Information architects**. Zurich: Graphis Press, 1996.

_____. **Ansiedade de informação 2: um guia para quem comunica e dá instruções**. São Paulo: Editora de Cultura, 2005.